

## 6 Post Scriptum

Escrever um texto depois do texto. Por qual nome chamar? Conclusão. Não, não se trata de uma conclusão. Tampouco um epílogo. Epílogo é também conclusão. Escolhi chamar de post-scriptum. Enlaçar-me, assim, com o latim. Uma escrita de depois. Escrita depois da escrita. Como é esse tempo? Depois. Em qual momento, em qual gesto, a escrita termina? Para saber o que vem depois, é preciso saber ter escrito. É preciso saber ter finalizado a escrita. E eu não sei. Não sei disso. Ainda não sei como se termina uma escrita, ou mesmo se ela termina. Acaba, creio nisso. Um texto tem fim. Mas não sei se cheguei ao fim de meu texto. Pensei ter colocado o fim da dissertação. Mas ela continuou. As palavras não cessaram. Elas resistem em calar. É como se um fio as puxasse mais um pouco. Fio nem de trama nem de prata. Fio de eco. Vou me deitar e continua. Não sei bem o que, mas continua. Um apego talvez às horas sentada a escrever, apego a desculpa perfeita para não ver ninguém, não sair de casa. Eu escrevo, estou com o tempo tomado e não posso sequer chegar à janela ou à internet e ver o mundo. Já viu o tamanho do mundo Guirigó?<sup>1</sup> Eu vejo o mundo. Não o tamanho dele, nem sei se posso chamar assim: ele. Vejo qualquer coisa enquanto escrevo, chamo de mundo porque é o que tenho visto. Mas não sei o que é. Escrita? Uma escrita nasce? Surge? Será possível que tenha me colocado a ideia de escrever sobre autorretrato e tenha acabado a vir a escrever em autorretrato, na superfície, e tenha feito aparecer, em mim, uma escrita? Será por isso, não termino? Medo de ficar sem nada. Coisa nenhuma, nem letrinhas, nem tracinhos. Medo de quedar somente uma marca impressa no meu corpo.

Este texto nem é só meu. Tantas vozes passaram por aqui. Nancy, Derrida, Ana Kiffer, Artaud. O texto é deles. O que fiz foi convidá-los. Fiquem aqui comigo, é madrugada e estou sozinha. Eles vieram, mas não podem ficar todo o tempo que eu gostaria. Não é? Já vão embora.

Fico. Eu e o resto deles, a sobra do jantar. Essa dissertação é sobra do jantar deles. *La revolution n'est pas un dîner*. Jean Pierre Leaud brada a seus companheiros

---

<sup>1</sup> Frase de *O Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

em *La chinoise* de Godard. Não há revolução nessas páginas. Há silêncio. Paradoxalmente silêncio e palavras. Palavras tantas. Há meu avô e sua morte. Acabar o texto, será acabar o luto? Quero, não. Quero meu avô. Meu tio, o pai que inventei. A montanha de vidro, quero Jean-Luc Nancy, seu coração. Ana e Artaud.

Fico. Eu, as palavras que não são minhas, os traços, os autorretratos. Essas imagens feitas que me torcem. Essa superfície estendida do rosto. Já não posso mais chamar de meu. Não há propriedade, nem as palavras, nem o rosto.

Comecei por uma frase. Não comecei nenhum capítulo por esta frase, não comecei nenhum texto por essa frase. Ela estava perdida pelas paredes da casa, encontrei a gata brincando com ela na varanda. Os autorretratos se assemelham a mim na diferença. Escrevo pela primeira vez.

Os autorretratos se assemelham a mim na diferença. Está é uma frase torcida. Ela veio da leitura do terceiro capítulo da tese de Ana Kiffer (2003). Nele, ela, ao falar dos retratos de Artaud, escreve:

Seriam justamente as forças que –agindo no plano da superfície– deformariam o rosto em proveito do corpo ou da face. As relações da força com a forma são, desse modo, fundamentais para se tentar manifestar a tensão que Artaud empreende entre o figurativo e o não figurativo, a semelhança e a dissemelhança, a forma e a deformação. Para nós interessa menos buscar elucidar ou conceituar a deformação ou a desfiguração e mais buscar precisá-la enquanto gesto que retira a plástica-poética de Artaud do plano da expressão para remete-la ao plano da pressão. A pressão se exerce mais uma vez sobre um plano de superfície. (KIFFER, 2003. p.76)

Esses retratos de rostos aos quais desconheço, retratos feitos de manchas de luz sobre o papel. Retratos aos quais insisto em chamar de autorretratos. Insisto, não por acreditar que sejam meus, mas por hábito e necessidade de nomear. Dar nome e palavra, fazer verbo, fazer imagem. *Precisar a desfiguração enquanto gesto*. Esta ideia pulsa ainda em mim. Qual é meu gesto? Pergunto a ninguém, pergunto ao silêncio, a esse jeito de fim de festa no qual se encontra meu peito depois que eles, os que fizeram o texto, me deixaram. Ninguém responde. Nenhuma voz canta ao longe. Nenhuma musa. Nada. Nem rosto, nem palavras. Nada. Talvez assim não termine, mas se comece uma escrita.

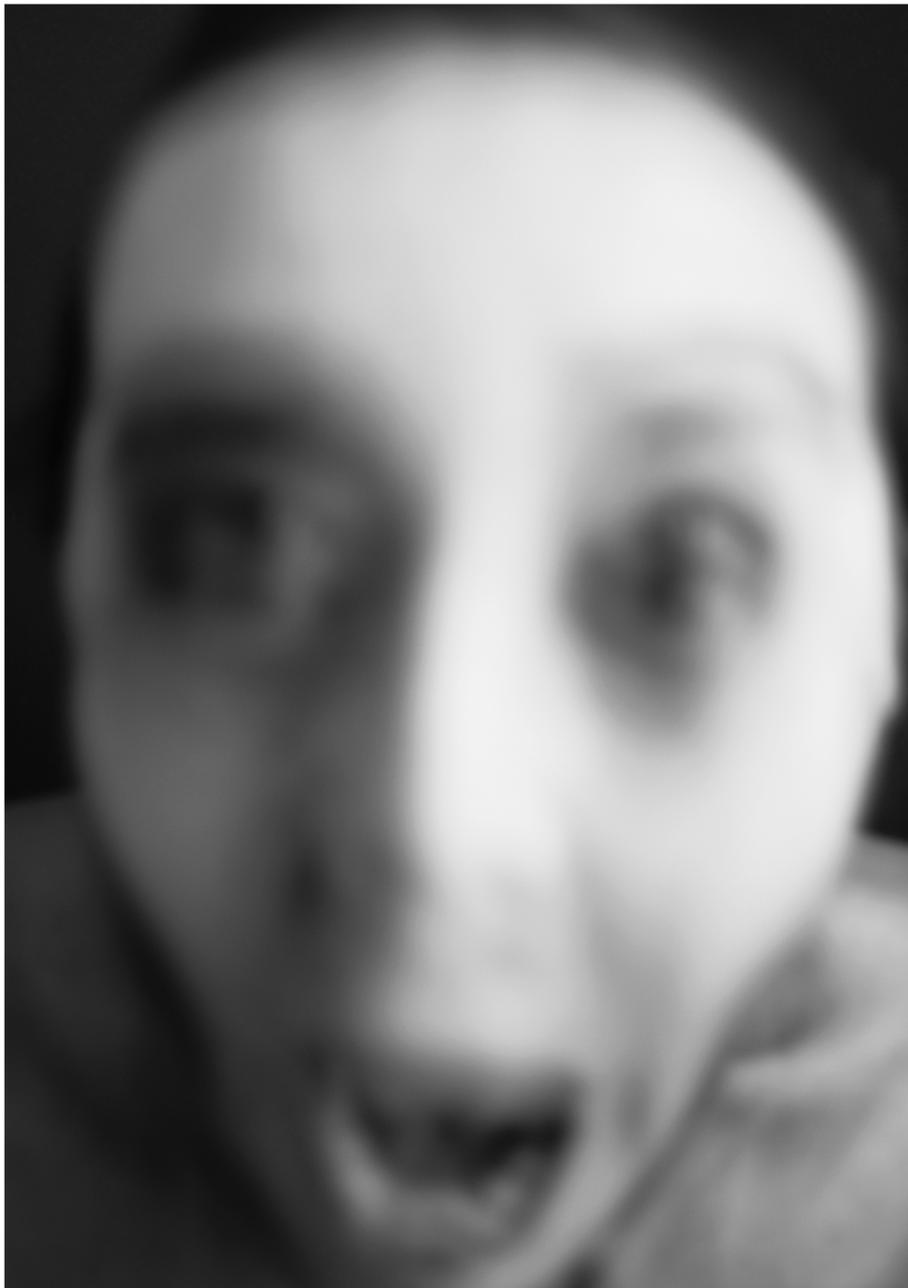


Imagem 1 - Autorretrato – grito, 2012, fotografia, 20 x30 cm, Rio de Janeiro.